



Casa Senhorial

Anatomia dos Interiores

ANAIS DO II COLÓQUIO INTERNACIONAL

ANA PESSOA
MARIZE MALTA
(ORGANIZADORAS)

Casa Senhorial
Anatomia dos Interiores

ANAIS DO II COLÓQUIO INTERNACIONAL

ANA PESSOA
MARIZE MALTA
(ORGANIZADORAS)

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA
RIO DE JANEIRO
2016

Fundação  Casa de Rui Barbosa

ISBN

Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial:
anatomia dos interiores

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Michel Temer

MINISTRO DA CULTURA

Marcelo Carlero

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Presidente

Marta de Senna

Diretor Executivo

Ricardo Calmon

Diretora do Centro de Memória e Informação

Ana Lúcia Silva Medeiros

Diretor do Centro de Pesquisa

Antonio Herculano Lopes

Chefe do Setor de Editoração

Benjamin Albagli Neto

ORGANIZAÇÃO

Ana Pessoa (FCRB)

Marize Malta (PPGAV/EBA-UFRJ)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO II COLÓQUIO

Ana Lucia Vieira dos Santos (EAU-UFF)

Ana Pessoa (FCRB)

Isabel Portella (MR-IBRAM)

Marize Malta (EBA-UFRJ)

COMITÊ CIENTÍFICO

Francisco Soares de Senna

Aldrin Moura de Figueiredo (UFPA)

Carlos Alberto Ávila Santos (CA/UFPel)

José Belmont Pessoa (PPGAU/EAU-UFF)

Maria Lucia Bressan Pinheiro (FAU-USP)

Sonia Gomes Pereira (EBA-UFRJ)

EQUIPE DE APOIO

Alessandra Ramalho (EBA-UFRJ)

Catiussia A. da Silva (EBA-UFRJ)

Bárbara Mozzer (EBA-UFRJ)

Beatriz Rosa (EBA-UFRJ)

Camila R. dos Santos (EBA-UFRJ)

Clarisse de Sá (EBA-UFRJ)

Yrvin Gomes (EBA-UFRJ)

Rebeca Reis (EAU-UFF)

Juliana Nobre (MR-IBRAM)

Bárbara Prieto (FCRB)

Lucas Cavalcanti (EBA-UFRJ/FCRB)

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

Ana Lúcia Vieira dos Santos (EAU-UFF)

Ana Pessoa (FCRB)

Carlos Alberto Ávila Santos (CA/UFPel)

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Citar/UCP)

Hélder Carita (UNL/Fress)

Isabel Mendonça (UNL/Fress)

Marize Malta (PPGAV/EBA-UFRJ)

Nelson Pôrto Ribeiro (PPGAU/UFES)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marize Malta (PPGAV/EBA-UFRJ)

CAPA

Lucas Cavalcanti (EBA-UFRJ/FCRB)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Lucas Cavalcanti (EBA-UFRJ/FCRB)

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

PESSOA, Ana; MALTA, Marize (Organizadoras). Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: anatomia dos interiores. Rio de Janeiro: FCRB, 2016.

Textos originalmente apresentados no II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: anatomia dos interiores, realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa em agosto de 2015.

Vários autores.

554 p.

1. Casas senhoriais 2. Rio de Janeiro e Lisboa 3. Interiores residenciais

I. Pessoa, Ana II. Malta, Marize

Aspectos da investigação dos objectos móveis no atual panorama historiográfico luso-brasileiro

Reflexões e breves estudos de caso

GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA

A investigação nas diversas Artes Decorativas (móveis, integradas ou do ornamento humano) não foi alvo, nem no panorama de investigação português nem brasileiro, de um processo sistemático ou de uma campanha de pesquisa reiterada, que lhe conferisse, de uma forma geral, o devido *corpus* científico.

Domínios há, que possuem investigação mais apurada – nem que seja para este ou aquele século –, outros encontram-se particularmente carentes de pesquisa, se bem que no passado o tivesse sido, com algumas investigações de peso, em campos como o mobiliário¹ ou a ourivesaria da prata². Em algumas áreas foi realizada uma investigação muito datada, que necessita ser revista à luz de novos preceitos e análises da historiografia da arte actual. Essas deficiências, tanto no panorama português como no espectro brasileiro, têm consequências directas na pesquisa de temáticas mais alargadas, como sucede com o estudo dos ambientes decorativos.

No universo da casa senhorial, os objectos desempenhavam um papel fundamental; encerravam uma dimensão significativa e um significado; interagiam com conceitos ainda pouco explorados, em termos de aplicação ao concreto do universo luso-brasileiro³, como o luxo e a referenciação social e estatutária, que, inclusive, variou entre os séculos XVIII e XIX. Atenda-se ao caso dos objectos de mesa, das jóias e do vestuário, dos têxteis, das carruagens e de outros meios de locomoção, que veiculavam publicamente, em si mesmos, um determinado conjunto de mensagens das e para as elites, enquadrados no panorama mental dos séculos XVII a XX. É em torno da área da nossa investigação mais específica sobre prataria doméstica que apresentaremos três estudos de caso, referentes a Portugal e ao Brasil, sendo uma quarta investigação referente a elementos que complementam um trabalho publicado referente aos elementos de Artes Decorativas presentes em testamentos setecentistas de Lisboa⁴.

As teses que não abandonam o desterro das prateleiras das bibliotecas das universidades, ou não se encontram disponíveis na internet, constituem um importante factor que entrava o avanço da divulgação e do alcance de modelos mais acessíveis para o despontar de novas pesquisas. Isto é mais verdade, conquanto não totalmente, em Portugal do que no Brasil, país onde muitos destes trabalhos se encontram acessíveis online. Diversas dissertações de mestrado – nas versões pré-Bolonha e algumas delas, mesmo, posteriores –, a que se vêm juntar, sobretudo, as teses doutorais, representam



progressos importantes no conhecimento de várias áreas e, nas circunstâncias *supra* enunciadas, a sua leitura fica reduzida a um número muito pouco expressivo de interessados.

Uma questão relevante liga-se com os recentes critérios de creditação da investigação, nomeadamente dos livros, que se encontram numa fase de progressiva desvalorização face aos artigos em revistas com *peer-review*. Este facto surge consubstanciado pela dificuldade na edição de livros que potenciem toda a importância das fotografias das peças e dos seus pormenores, pois o elevado custo afasta, muitas vezes, as opções editoriais. E tal circunstância, no domínio das Artes Decorativas, em que a imagem possui um peso evidente, avoluma de forma ainda mais acentuada o desconhecimento.

Outro problema que não deve ser esquecido prende-se com o balanço entre o grupo dos especialistas “no papel”, mais teórico, e o dos peritos na análise física dos objectos, mas que não investigam documentalmente. Certos problemas de desconhecimento material e técnico da execução dos objectos, em que incorre o primeiro dos tipos, e a determinação em não investigar as circunstâncias históricas da execução, uso e fruição, que, muitas das vezes, exprime as limitações do outro conjunto de pesquisadores, testemunham um desafio concreto do panorama actual da investigação. De facto, a reflexão em torno das questões metodológicas em torno das Artes Decorativas encerra a chave para o reposicionamento destas temáticas no âmbito da prática da investigação, consubstanciando o vínculo necessário entre a materialidade e o desafio intelectual da hermenêutica documental.

Pareceu-nos importante que esta participação na mesa-redonda sobre o equipamento móvel pudesse reflectir em torno de preocupações que temos sentido e veiculado em escritos, em conferências ou nos diversos cursos livres leccionados, sobre a necessidade de avançar, designadamente em termos universitários, para um plano sistemático e progressivo de preenchimento das múltiplas lacunas no conhecimento das Artes Decorativas, inclusive entre as áreas que interligam Portugal e o Brasil, e que são múltiplas, sobretudo em Setecentos e Oitocentos.

Investigação universitária em Artes Decorativas em Portugal e no Brasil: breves reflexões de contextualização

Durante largas décadas e à imagem do que sucedia noutros países da Europa, a investigação em Artes Decorativas ocorria no âmbito dos museus, detentores dos acervos, sendo os seus principais especialistas os conservadores responsáveis por colecções de maior ou menor realce. Os acervos objecto do trabalho de investigação eram (ou são, em alguns casos, ainda), preferencialmente, os das instituições onde os

mesmos trabalham, com incursões às colecções particulares de que têm conhecimento. Outras vezes, realizam trabalhos sobre temas gerais ou mais concretos, com leituras adequadas, lançando textos com qualidade científica que, efectivamente, constituem avanços na área.

Afastadas da investigação universitária durante largos anos, as Artes Decorativas viram algumas das suas áreas alcançarem o estatuto de objecto de estudo académico, apenas durante os últimos 20 anos, com uma ou outra excepção. Determinados domínios, como o mobiliário ou a joalharia, apenas recentemente tiveram as suas primeiras teses doutorais – e, mesmo assim, não se perspectivam sucessores próximos. Apenas a talha, com a escola de investigação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a coordenação de Natália Marinho Ferreira-Alves, abriu as portas a uma substancial quantidade estruturada de estudos doutorais sobre esse domínio artístico das denominadas artes integradas.

Procurámos, no âmbito da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, criar um núcleo de investigação referente às Artes Decorativas, na interligação entre Portugal Continental, Açores e Brasil. Domínios como a cerâmica receberam a tese de Alexandre Pais, sobre a faiança portuguesa do século XVII, com muitas novidades sobre a exportação de exemplares para o Norte da Europa. Na Ourivesaria, para além Rosa Mota, sobre o uso do ouro no Norte no século XX, apresenta-se em 2016 a de Rita Carlos da Fonseca, referente aos mestres ourives da prata do Rococó em Lisboa, com a elaboração de um precioso dicionário, fruto de uma densa pesquisa. No domínio dos ambientes civis e do mobiliário, situam-se os trabalhos de Carlos Franco e de Adelina Valente, a que se veio juntar a tese sobre a talha das capelas particulares de Lamego e Tarouca, de Pedro Vasconcelos Cardoso. Actualmente, encontram-se em elaboração teses sobre a porcelana chinesa nos séculos XVI e XVII, por Maria Antónia Pinto de Matos, e a recepção da porcelana chinesa em Portugal na primeira metade de Setecentos, por Felipa Marques de Sousa.

Este eixo tripartido de investigação entre Portugal Continental, Açores e Brasil constitui um dos grandes desafios da actual pesquisa, pelas grandes afinidades observáveis, não apenas entre os objectos que chegaram até à actualidade, mas, e sobretudo, as notícias que nos chegam através da documentação até agora analisada nos arquivos de Ponta Delgada, Angra e, no Brasil, em localidades como Vila Rica e Mariana, nas Minas Gerais. O comércio entre o Continente e os Açores e entre estas zonas e diversos pontos do Brasil consubstanciam dimensionamentos de investigação com grande interesse e perspectivas de trazer novidades substanciais. Os próximos passos tenderão a reforçar documentalmente esta relação geográfica e as suas consequências nas práticas sociais associadas aos objectos e ao respectivo uso nas

centúrias de Setecentos e Oitocentos, nesta última mais relacionada com novas hordas de emigração.

Também a Escola Superior de Artes Decorativas (ESAD), da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, com o papel catalisador de Isabel Mayer Godinho Mendonça, procurou levar a acabo alguns trabalhos de mestrado, o mesmo sucedendo, a nível doutoral e de mestrado, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com trabalhos no âmbito da azulejaria (Maria do Rosário Salema de Carvalho) ou da talha. Investigadores como Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, na azulejaria setecentista, Maria João Pereira Coutinho ou Maria João Ferreira, nos têxteis, são outros nomes de referência da pesquisa universitária que muito valorizaram as respectivas áreas temáticas de investigação.

Os objectos luso-orientais, para além dos trabalhos matriciais de Annemarie Jordan Geshwend, receberam outros subsídios, como os estudos académicos e não só de Nuno Vassallo e Silva ou Alexandra Curvelo. Na nova geração, Hugo Miguel Crespo tem pontificado com investigações de uma grande inovação científica, tocando aspectos que haviam merecido, ainda, uma atenção pouco aprofundada a outros investigadores.

No Brasil, os estudos académicos sobre Artes Decorativas encontram-se dispersos – o que também é favorecido pelo elevado número de instituições de ensino superior –, salientando-se presentemente, e sem qualquer pretensão exaustiva na selecção aqui realizada, o núcleo de investigações em torno do Museu Paulista, associado à Universidade de São Paulo, e o grupo relacionado com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com destaque para os avanços da linha de pesquisa de Marize Malta, sobretudo relacionado com os ambientes decorativos e o mobiliário dos séculos XIX e XX. Pontualmente, outras instituições de ensino superior viram defender teses doutorais ou dissertações de mestrado em torno das Artes Decorativas, designadamente quanto às artes aplicadas na arquitectura ou quando a motivação de um investigador foi suficiente eficaz para suplantar a força conservadora da abordagem dos temas tradicionais. Contudo, também com este arrazoado de leituras se pode constatar como o isolamento dos investigadores ou das investigações não comporta, em si mesmo, a génese e formação de escolas de pesquisa, que possa desencadear trabalhos de fundo, sistemáticos e alargados, permitindo avanços substanciais no conhecimento desta multiplicidade de áreas abrangidas pela designação de Artes Decorativas.

Noutras situações, o conceito associado é o de cultura material, pelo que os estudos sobre os objectos domésticos surgem analisados, sobretudo, debaixo do chapéu da historiografia, ao invés do da História da Arte, concorrendo para metodologias e inquietações intelectuais de ordem diversa, mas complementar. Tivemos já ocasião de participar numa sessão de trabalho com um grupo que se situa nessa óptica de análise,

tendo sido curioso perceber como estavam em jogo perspectivas tão distintas em ambos os modos de estudar os bens móveis, se bem que, como ficou expresso *supra*, ambas as correntes possam e devam trabalhar em conjunto para uma leitura mais profunda e pluridisciplinar destas temáticas.

Estudos de caso sobre Artes Decorativas em Portugal e no Brasil nos séculos XVIII e XIX

A sociabilidade das Artes Decorativas assume distintos cambiantes consoante a dimensão e relevância social da família em causa, mesmo no seio da própria nobreza. Os recursos económicos, a liquidez efectiva e a sua associação ao gosto e à motivação de despendere os seus rendimentos em bens de luxo, concorrem para a perspectivar alguns casos mais destacados entre a aristocracia da corte portuguesa. A título de exemplo, conhecem-se actualmente alguns dos gastos da casa de Vila Nova de Portimão e de Abrantes em vestuário⁵, jóias⁶, e, ainda, noutros objectos metálicos preciosos⁷, como sucede com custódia em prata dourada com estojo, executada pelo ourives da prata José Anastácio de Oliveira para a marquesa de Abrantes, viúva do 6.º marquês, D. José Maria da Piedade de Lancastre, em documento datado de Lisboa de 29 de Maio de 1831⁸.

A dimensão estática dos bens móveis nas propriedades nem sempre sucedia, pelo que as suas jornadas surgem como um dos aspectos mais fascinantes, tornando-se especialmente visível na Corte, com a deslocação dos exemplares pertença de membros da Família Real e das principais famílias para as suas quintas. A natureza de mobilidade de alguns tipos de bens foi por nós observada, igualmente, em Salvador, no Brasil, no acervo dos Álvares da Silva⁹. Tal ocasiona muitos e variados percalços, como a perda de peças – perdidas ou desviadas –, mas existem informações muito curiosas relacionadas com o respectivo movimento. Outras notícias mencionam aquisições, com indicações específicas quanto ao destino dos objectos, como o da princesa D. Maria Francisca Benedita, em Fevereiro de 1792, que gasta 2\$000 rs. “*com a louça, que foi para á outra banda*”¹⁰, ou nos transportes, como sucedeu, em Março do mesmo ano, com o “*caixão que veio d’Inglaterra com os pertences da cozinha que foi para á outra banda*”¹¹, sendo de realçar, também, que a aquisição se tenha efectuado em Inglaterra¹². Ou mesmo o simples transporte de uma “*caixa de toucador d’Ajuda para Lisboa*”¹³.

Entendemos aqui publicar quatro pequenas nótulas de investigação com utilidade, directa, ou indirecta, para o estudo dos ambientes decorativos portugueses e brasileiros dos séculos XVIII e XIX. Dizem respeito, essencialmente, à prataria doméstica, mas não só, podendo apresentar elementos para a compreensão do papel dos objectos no cômputo doméstico em Portugal e no Brasil, nas centúrias de Setecentos e Oitocentos, conscientes que estamos da relevância das peças em metal argênteo, não

apenas nos esforços de investimento das classes possidentes, como, também, do seu papel nos rituais domésticos coevos.

As pratas da herança Leite Pereira, da casa de São João Novo, Porto (1874)

Por morte de D. Luísa Leopoldina Leite Pereira de Melo e Alvim, solteira e sem filhos, em 1873¹⁴, prontamente foram inventariados os seus inúmeros bens, entre os quais se encontrava a importante Casa de São João Novo, na cidade do Porto. O elenco dos objectos¹⁵ que constituía o seu acervo espelha a riqueza desta senhora pertencente à nobreza portuense.

Logo em 20 de Fevereiro de 1874, José Rodrigues Teixeira, ensaiador e contraste da prata do Porto¹⁶, procede ao levantamento de dois róis, um referente às peças que herdaria D. Gertrudes Emília Leite do Outeiro Pereira Melo Alvim (tabela I) mais tarde condessa de Campo Belo, por ter casado com o futuro titular, Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão¹⁷, e outro referente aos objectos que couberam à herdeira D. Helena Maria do Outeiro Leite Pereira Melo Alvim (tabela II), consorciada com Vasco Ferreira Pinto Basto¹⁸.

Ambas as listagens nos permitem uma melhor percepção sobre um acervo doméstico¹⁹ de prataria do Porto oitocentista²⁰, matéria ainda pouco explorada documentalmente, mas campo fértil de informações sobre o *modus vivendi* das elites do período. O interesse particular deste núcleo argênteo reside na diversidade tipológica da prataria doméstica, ainda antes dos finais de Oitocentos, quando os desafios da *Belle-Époque* levaram a apostar num cada vez maior investimento em objectos de mesa e de bebidas, adequados para servir grandes festas e jantares, que se tornaram cada vez mais comuns. Este contexto sociológico e a respectiva articulação entre objectos e práticas sociais é um dos campos a necessitar ainda de um maior apuramento de pesquisa em Portugal²¹ e no Brasil²².

Os valores não revelam um acervo total de montante muito elevado, pois haveria outros bem mais volumosos, ultrapassando, no entanto, em ambos os casos os 900\$000 réis (tabelas 1 e 2). O valor dos exemplares, calculado com base no peso da prata, permite observar que o conjunto mais precioso – com assinalável distância face aos demais exemplares –, diz respeito a um conjunto de quatro castiçais antigos e arandelas, com o peso de 4,170 kg, ascendendo o seu valor a 116\$760 réis. Encontra-se incluído no lote de D. Gertrudes Emília Leite Pereira de Melo (tabela 1).

No conjunto dos lotes de prataria, a presença da heráldica apenas se reduz a um caso, o primeiro, em que existe a alusão no lote da futura senhora de São João Novo, a uma salva com armas. Não se lêem mais indicações sobre representações heráldicas,

ou por não existirem, ou porque, de facto, o avaliador não procedeu ao respectivo registo. Por outro lado, o termo “antigo” surge associado tanto a peças do núcleo da D. Gertrudes Emília (tabela 1), como no de D. Maria Helena (tabela 2), enquanto a palavra “moderno” é apenas uma única vez utilizada, confinada ao primeiro grupo de peças.

Em termos tipológicos, a diversidade é grande, podendo encontrar-se objectos enquadráveis nos vários grupos, organizados de acordo com a respectiva funcionalidade²³: peças de aparato e de decoração, de serviço, nomeadamente, de mesa e de bebidas, de iluminação, de escrita e de higiene e *toilette*. De referir que, nos serviços de chá e café, o contraste avalia as peças individualmente, o mesmo sucedendo nos talheres, optando por uma destrição tipológica.

Sucedem-se as salvas, tipologia sempre muito presente nos espólios particulares portugueses, pois uma casa das elites necessitava da sua presença para cumprir as várias práticas sociais, que cremos ainda necessitarem de uma melhor especificação. As salvas denunciam a própria evolução na ornamentação e função, havendo desde um grande, de moldura, a outras pequenas para alfinetes, uma para fruta, com meias canas ou, em número mais elevado, diversas com decoração vazada à base de parras. Nos objectos de iluminação, percebem-se algumas decorações, designadamente os galhões, ou seja, canelados, verificando-se a presença de espevitadeiras com suas travessas, algumas desirmanadas. Para o serviço de bebidas dispõem ambos os róis de diversas peças, mas enquanto no núcleo da co-herdeira D. Gertrudes se referencia o que parece ser um serviço completo (cafeteira, bule, leiteira, açucareiro e taça), para além de outras peças soltas (tabela 1), no de D. Helena existiriam exemplares aparentemente desirmanados, preenchendo algumas das tipologias em questão (cafeteira, bules, leiteiras, açucareiros – tabela 2). Esta situação espelhava o que verificava em muitos dos acervos, ou seja, que nem sempre se constituíam os serviços completos de chá e de café, existindo tipologias adquiridas ou perpetuadas ao longo das gerações de forma isolada.

No grupo dos talheres, e para além das tradicionais facas, colheres e garfos, constata-se a existência de uma série de tipologias, algumas imprescindíveis já desde os últimos tempos de Setecentos: tenazes do açúcar, conchas de sopa, trinchantes, colheres de chá, para além do trio composto por faca, garfo e colher²⁴.

Uma das tipologias de pequenas dimensões surgidas em ambos os róis diz respeito à presença dos letreiros de garrafas – o de D. Gertrudes Emília chega a possuir 8 rótulos (tabela 1) –, com o objectivo de indicar o líquido existente no seu interior; fosse Madeira, Porto, Bucelas, ou outro, estas pequenas peças com uma corrente para colocar à volta do gargalo da garrafa serviam para a indicação da bebida, fazendo parte das práticas sociais ainda até meados, terceiros quartel do século XX, período a partir do qual foram caindo em desuso. Ambas as listas possuem paliteiros, três no total, indiciando a

presença desta tipologia entre os acervos da nobreza da época, e não apenas da burguesia²⁵. No conjunto das peças, são listados, igualmente, os pequenos objectos que existiam nas casas do meio social em que se move esta herança, ou seja, argolas, coadores, um funil, ou, até, saquinhas para colocar o dinheiro, ou seja, bolsas de malha argêntea destinadas a esse fim.

No rol de D. Maria Helena (tabela 2) encontramos um conjunto de peças de prataria religiosa, mas não há indicação da presença de um cálice, referenciando-se somente a caldeira e hissope, as galhetas e respectivo prato e, possivelmente, uma caixa para hóstias.

No total, e como podemos verificar abaixo, o contraste José Rodrigues Teixeira levou a sua percentagem, que orçou em cerca de 9\$000 réis no conjunto das duas avaliações, na aplicação dos valores tabelados que correspondiam aos objectos avaliados.

Tabela 1

Descrição	Peso (g)	Valor (rs.)
1 Salva antiga com armas	2288	64\$064
1 Dita lavrada com meias canas	2308	64\$624
1 Bacia lisa de lavar pés	2718	76\$104
1 Jarro e bacia moderna	2218	62\$104
3 Salvas de parreira vazadas	2076	58\$128
1 Salva para fruta antiga	310	8\$680
5 Castiçais antigos e arandelas	4170	116\$760
Par dito pé redondo liso	650	18\$200
Par dito pé redondo e <i>galhaos</i> [galhões]	690	19\$320
1 Cafeteira com aberto de buril	850	23\$800
1 Bule do mesmo gosto	420	11\$760
1 Leiteira e açucareiro igual	400	11\$200
3 Açucareiros e tampas lisos	1557	43\$596
3 Leiteiras lisas	1060	29\$680
1 Tigela lavrado antigo	460	12\$880
		620\$900 [f. 377v.]
1 Taça antiga lavrada	340	9\$520
2 Braços para parede lavrados	432	12\$096
3 Pratos e 2 espevitadeiras diferentes	719	20\$132
1 Cesta de parreira	135	3\$780

2 Cestas sendo uma de filigrana	115	3\$220
2 Paliteiros lavrados	270	7\$560
2 Argolas 1 coador e 1 lapiseira	65	1\$820
1 Taça e prato pequeno	130	3\$640
2 Pratos 2 fivelas pequenos	52	1\$456
8 Letreiros para garrafas, e um cordão	117	3\$276
1 Funil	130	3\$640
7 Colheres diversas em gostos	92	2\$576
1 Saquinha para dinheiro	47	1\$316
2 Caixas para lavatório	577	16\$156
1 Escrivaninha lavrada	160	4\$480
3 Escovas e pente poderão ter	150	4\$200
1 Pé de caneca ou vidro e bacia	245	6\$860
12 Colheres de sopa de continhas	952	26\$656
6 ditas de sopa com algum aberto	440	12\$320
19 ditas de rabo de viola lisas	852	23\$856
36 ditas de chá de canas	672	18\$816
1 dita do açúcar	32	\$896
12 ditas de chá lavradas	260	7\$280
1 dita e tenaz do açúcar	100	2\$800
		819\$252 [f. 378]
17 Garfos de mesa de canas	1067	29\$876
9 ditos de haste e cabo pequenos	360	10\$080
6 ditos de haste canas antigas	269	7\$532
2 Tenazes do açúcar	82	2\$296
1 Saladeira	217	6\$076
2 Colheres de terrina copas de concha	597	16\$716
17 Cabos de canas de facas	680	19\$040
2 ditos trinchantes	100	2\$800
6 ditos de canas antigas	380	10\$640
6 ditos de canas em todo o tamanho	290	8\$120
8 Cabos de facas lisos	96	2\$688
2 Colheres lisas de sopas diversas	555	15\$540
Relógio mais	–	2\$000
	Soma total	952\$656
De pesar e examinar e selos – 4\$500		

Avaliação efectuada pelo contraste da prata do Porto, José Rodrigues Teixeira, das peças de prataria da herança de D. Luisa Leopoldina Leite Pereira Melo e Alvim moradora na Casa de São João Novo, e que ficaram pertencendo à co-herdeira D. Gertrudes Emília Leite do Outeiro Pereira Melo Alvim (20.02.1874). Fonte: Arquivo Distrital do Porto, cota: JUD-TCPR, Maço 207, proc. 00557, f. 377-378.

Tabela 2

Descrição	Peso (g)	Valor (rs.)
1 Cofre antigo lavrado	1155	32\$340
1 Cesta de grade de fio	562	15\$736
3 Bules diversos feitos	2300	64\$400
1 Fruteira antiga redonda	1175	32\$900
1 Bacia de pés lisa	2573	72\$044
1 Salva grande de moldura	2033	56\$924
1 Jarro antigo lavrado	1172	32\$816
1 Cafeteira aberto de buril	870	24\$360
2 Pares de castiçais lavrados	3350	93\$800
1 Par pé redondo e facetas	860	24\$080
1 dito lisos pé redondo	580	16\$240
2 Leiteiras diversas em feitos	780	21\$840
2 Açucareiros e tampas	1015	28\$420
4 Salvas de Parreira vazados	2116	59\$248
1 Tinteiro com todas as peças	897	25\$116
1 dito lavrado	180	5\$040
2 Pratos e espevitadeiras	417	11\$676
		616\$980 [f. 379v.]
1 Paliteiro de figura	217	6\$076
1 Lâmpada de 3 lumes	913	25\$564
1 Prato e galhetas	350	9\$800
1 Caldeira e hissope	318	8\$904
1 <i>Bussa</i> pequena	150	4\$200
2 Cestas diversos gostos	245	6\$860
1 Saleiro liso	127	3\$556
3 Salvas pequenas para alfinetes	130	3\$640
1 Saquinha para dinheiro	42	1\$176
47 Colheres de sopa diversas	2696	75\$488
36 ditas de chá diversos gostos	765	21\$420

12 ditas e 1 tenaz de lavrado	325	9\$100
1 Colher de terrina de concha	185	5\$180
1 dita do arroz de canas	110	3\$080
1 dita de molho	54	1\$512
1 dita do açúcar	24	\$672
2 Tenazes, 2 passadores, e 1 colher	152	4\$256
6 Letreiros para garrafas	77	2\$156
19 Garfos de cabo de canas, 5 de haste	1437	40\$236
19 Cabos de facas de canas	836	23\$408
11 ditos diversos gostos	480	13\$440
2 ditos trinchantes diversos	100	2\$800
9 Garfos pequenos lisos	227	6\$356
		895\$860 [f. 380]
9 Cabos pequenos lisos	130 g	3\$640
1 Peça de tartaruga (?)	–	1\$600
	Soma total	901\$100
De pesar e examinar e selos – 4\$500		

Avaliação efectuada pelo contraste da prata do Porto, José Rodrigues Teixeira, das peças de prataria da herança de D. Luísa Leopoldina Leite Pereira Melo e Alvim, moradora na Casa de São João Novo, e que ficaram pertencendo à co-herdeira D. Maria Helena do Outeiro Leite Pereira Melo Alvim (14.02.1874). Fonte: Arquivo Distrital do Porto, cota: JUD-TCPRT, Maço 207, proc. 00557, f. 379-380.

Outros elementos sobre objectos móveis em testamentos setecentistas e oitocentistas

Ao longo da análise de testamentos de diversas zonas de Portugal continental e insular, fundamentalmente dos séculos XVIII e XIX, fomos deparando com elementos importantes para a referenciação de objectos entendidos pelos testadores como relevantes, seja quanto à época, à própria pessoa ou respectiva família. Em muitos deles não se encontram, contudo, quaisquer indicações face a peças, nem sequer genericamente, o que também pode querer dizer que, para muitos testadores, não se mostrou relevante especificar qualquer dos bens móveis de que se rodeava. Da experiência recolhida da leitura desta tipologia documental, sobretudo nos titulares da Corte, os homens fazem menor número de referências do que as mulheres, e os solteiros e casados sem filhos mais do que os casados com filhos, o que facilmente se compreende pela necessidade de indicar a quem pretendem deixar os objectos envolventes²⁶.

Não podemos dizer que tenham surgido novidades faça ao que a experiência empírica e de outras fontes nos sugeria sobre as realidades mais valoradas, em termos de significado, para terem expressão nas últimas vontades. Os sentimentos, pessoais ou familiares, materializam-se, face a alguns objectos, no texto de certos testamentos, deixando passar emoções e afectos. Por exemplo, no de João Luís da Silva Souto e Freitas, senhor da destruída casa da Fábrica, no Porto, datado de 20 de Outubro de 1833, ficou escrito: “*Deixo a meu cunhado Francisco Maria [de Almeida de Azevedo Vasconcelos] o meu alfinete do peito de diamantes brilhantes em signal do sumo affecto, e amizade que sempre me deveo*”²⁷.

No ano seguinte, mais precisamente a 12 de Dezembro de 1834, D. Maria Matilde de Meneses, solteira, da cidade do Porto, enumera um conjunto de bens. Uma vez é referenciada a raiz dos objectos, outras o mero usufruto, como sucede com sua irmã, D. Ana Amália de Meneses, a quem destinou “*o uzofructo de toda a minha movilia, incluido, ouro prata, e dous santuarios, hum de vidro, e outro de castanho, com a sua competente papeleira, e por sua morte se unirá uzufruto a propriedade na minha herdeira*”, D. Anastácia de Azevedo Sousa Teles e Meneses, sua sobrinha²⁸.

Outro testamento, o de D. Maria Amália Pamplona, viscondessa de Canelas, que casara com o visconde António da Silveira Pinto da Fonseca, datado de 12 de Janeiro de 1835 e redigido na casa de morada dos titulares, na vila de Canelas. A viúva do antigo presidente da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, saída da revolução do Porto de 1820,

Deixa a suas sobrinhas Donna Maria Balbina Pampelona de Souza filhas digo de Souza Juliana Maria Pampelona de Souza filhas de/ seu irmão visconde de Beire tres aneis piquenos de brilhantes para que se lembrem de si e lhe rezem por alma e a sua subrinha Donna Maria Crestina Pinto Pampelona filha de sua irmã Donna Mariana Pampelona hum anel de brilhantes com a sua forma em sinal de sua lembrança (...).

No codicilo, estabelecido em 25 de Novembro de 1835, previa:

*ora deixa a sua sobrinha Donna Maria da Soledade Pinto da Silveira, o seu adreço de esmeraldas, com a condição de que não tendo esta filhos, deixara este adreço, aquelle seu filho digo seu primo que ficar ademenistrando esta caza (f. 9)*²⁹.

Morreu no Porto, em 4 de Abril de 1837. As preocupações com a administração e a posse linhagística dos objectos mais significativos, entre os quais se encontravam os adornos de joalheria, ficam bem patentes nestes e noutros casos estudados, pois a referida D. Maria da Soledade era filha ilegítima do seu marido o marquês de Chaves, havida antes do matrimónio, e como foi reconhecida por herdeira pelo decreto real, tornar-se-ia a sucessora na casa.

Em 2011 publicámos um estudo sobre aspectos das Artes Decorativas elencadas nos testamentos lisboetas, uma fonte até hoje pouco utilizada, mas particularmente rica em informações relativas a diferentes tipologias, materiais e uso das peças³⁰. Este núcleo documental possui, por vezes, elementos ricos e pormenorizados sobre o recheio das casas, algumas pertencentes à nobreza da capital portuguesa³¹, mas abrange um leque alargado aos vários grupos sociais, que, analisados em conjunto, um dia fornecerão a quem as trabalhe de forma sistemática uma leitura particularmente rica sobre o *modus vivendi* dos estamentos intermédios olisiponenses no Século das Luzes.

Registos sobre mobiliário, prataria, têxteis, cerâmicas, metais não nobres, pintura e imaginária encontram aqui mais um veículo de perscrutação, no que podem ser directamente relacionados com os proprietários, se bem que nem sempre seja claro e imediato o grupo social a que estes pertencem³².

Para o mobiliário, que para os grupos intermédios em Lisboa se encontra algo carente de informação a partir de fontes que não somente os inventários orfanológicos³³, registam-se diversas peças com distintas finalidades dentro das actividades domésticas. O mobiliário de descanso nocturno, designadamente o leito, demonstra particulares atenções dos testadores. Por exemplo, em 1745, D. Mónica de Santo Agostinho lega ao marido o seu leito com armação, bem como a cama respectiva³⁴; outras referências dizem respeito ao mobiliário de conter, designadamente o contador que se encontrava pousado num bufete, que a mesma lega a sua irmã, D. Maria do Nascimento³⁵. Noutro caso, a descrição envolve maior diversidade de informações, sobretudo de móveis, mas também a outros elementos do recheio doméstico. Tal sucede com o testamento de Clemente Isidoro Brandão (1781), que lega a seu sobrinho, José Nuno de Melo,

“(...) toda a minha cama coberta de damasco encarnado, o jogo de cadeiras e ganapé de igoal coberta: a armação de panos e papeis das cazas, as duas comodas de xarão, o melhor aparelho de chá que se achar em caza a hora da minha morte; a minha colxa de roquete, e o oratorio do Menino Jezus (...) A meu sobrinho Joze Nuno (...) tambem o oratorio grande com todas as suas imagens, e pertenças”³⁶.

Mobiliário de cariz mais exótico, proveniente de paragens asiáticas, outro com madeira brasileira, outro, ainda, pintado, como sucede com as ditas cómodas de charão referenciadas entre os bens acima enunciados de Clemente Isidoro Brandão. Há, também, múltiplas peças com origem na Índia, pelo menos de acordo com as indicações dos testadores, como é o caso, por exemplo, em 1733, de Domingas Silva, casada com Francisco de Sousa, que possui um caixão grande da Índia³⁷.

Situações há em que, tendo o testador que esclarecer determinados aspectos relativos aos bens móveis, se vê obrigado a uma maior especificação no testamento. Tal sucede com os diversos móveis elencados pelo padre José António Gonçalves no seu testamento, datado de 1781,

(...) Declarou elle testador, que conserva em sua caza meia duzia de cadeiras de moscovia uzadas, hum caixão grande, e hum armário no sotto proximo a rua, e huma caixa no sobrado ultimo da parte de dentro do pateo que tudo isto pertence com o fundo das cazas, e baixos dellas á herança antiga de seus Pays, e irmans falecidas em que elle testador, e suas irmans actualmente vivas tem parte as quaes são Luiza dos Santos, Thereza Antónia, e Theodora Maria, e tudo o mais que se achar nas ditas cazas, e os altos d'ellas lhe pertence, e he proprio seu, assim por serem os ditos altos pertencentes ao seu patrimonio, como por haver comprado os dittoz trastes, e moveis em que entrão duas colxas huma de algodão com tintas azuis da India, outra de linha toda branca, quatro pernas de cortinas de damasco de seda cor de roza, e tudo, o mais que se achar de camas, roupa branca, seis cadeiras de espaldar com assento de tripe, papeleira, duas bancas de abas redondas, huma com duas gavetas, com fechaduras de latão, e argolas, outra de pinho da terra com sua gaveta, hum caixão pequeno, e huma caixa de pinho (...)³⁸.

A partir deste caso, podemos ver como havia diversidade de tipologias, que iam desde os móveis de assento aos de guarda, chegando ao ponto de descrever, inclusive, o tipo de ferragens existentes numa das peças.

O testamento pode constituir, igualmente, o instrumento adequado onde deixar descritos os seus bens, sobretudo quando não se vive em casa própria e, após o falecimento, possa haver confusão com os objectos de quem resida no mesmo espaço. Foi o que sucedeu com Maria Madalena, com filhos de um primeiro casamento que, em Agosto de 1781 redige as suas últimas vontades.

(...) Declaro que supposto esteja em caza de meu genro Miguel Antonio Videira e a maior parte dos trastes presumirão serem seus; com tudo os seguintes são meus proprios, que existem na mesma caza para adorno d'ella = Hum espelho grande = Huma papeleira = Cinco cadeiras com costas, e assentos de coiro preto lavrado, e pregaria dourada = Huma meza redonda = outra liza, ou quadrada = Hú caixão grande da India = Dois baus da India = Hum leito = Hum oratorio = Duas imagens do Senhor Crucificado = Hum painel da Senhora da Piedade = Mais doze painéis ao Divino = Húa estante de livros = Duas salvas de prata = Hum copo grande de prata = Cinco cordões de oiro = Duas duzias, e meia de colheres de prata = Duas duzias de pratos de louça da India = Huma cassarola [48] = Huma frigideira = Quatro panelas de cobre entre pequenas e grandes = Tres colxoes = Hum cobertor de damasco encarnado = E vinte, e cinco lanções alem de outras mais coizas, que por ora me não lembro, e ao diante se me occorerem, dellas farei menção (...) Declaro que as cadeiras são seis e não cinco, como por equivocação se diz (...)³⁹.

O que resulta interessante é a diversidade de peças com que se fez acompanhar nessa fase da sua vida, envolvendo móveis, loiças, pratos, ouros, têxteis, imaginária, pintura e, até, objectos de cozinha.

Para a pintura, sobretudo de temática religiosa, e para a imaginária, esta fonte contribui para o estudo das principais devoções existentes nos interiores domésticos lisboetas. Veja-se, por exemplo, S. Francisco de Paula, tema da pintura que, através do seu testamento, de 1747, D. Mariana Joana de Faro, dama de honor da rainha D. Mariana d'Áustria e filha da condessa da Ilha do Príncipe, deixou a seu filho António de

Melo e Castro⁴⁰. No testamento, datado de 1784, de D. Luísa Romualda de Meneses, filha dos 2.^{os} condes de S. Tiago de Beduído, e viúva de D. Luís de Almeida, a aristocrata lega a sua sobrinha, D. Ana Mascarenhas, a totalidade das imagens dos santos do seu oratório, com os respectivos adornos, sem especificar, contudo, as suas invocações⁴¹.

Quanto aos têxteis domésticos de aparato⁴², cuja relevância na composição dos ambientes domésticos a documentação é particularmente rica em elementos, a investigação não tem dado os frutos suficientes, pela complexidade da ligação das descrições a exemplares sobreviventes. Uma das referências centra-se nas alcatifas, como o exemplar de papagaio, ou seja, de algodão, que D. Teodora Senhorinha de Lima regista (1763-1766) como legado à Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa destinado ao altar da mesma evocação⁴³.

Mesmo os pequenos objectos em metais preciosos podem surgir enunciados nos testamentos, tais como peças de estanho ou de arame, designadamente no da *supra* referida D. Teodora Senhorinha⁴⁴, onde se menciona uma bacia da barba com jarro de estanho e uma bacia de arame.

Terminamos com um testamento de uma mulher da capital, redigido em 1733, cujo teor revela a presença de algumas posses⁴⁵. Domingas da Silva, especificando as circunstâncias da posse dos seus bens, declara, para além de jóias⁴⁶, ser proprietária de:

- a) **Mobiliário:** *Hum leyto com sua armaçam de droga; Hum caixão da Índia grande; Hum bofete com tres gavetas; huns almarios de pau de bordo, e seis tamboretas de solla lavrados com pregaria grossa; huá caixa de pau do Brazil; hum espelho; duas bancas de pau de pinho, duas parteleiras que servem de ter louça;*
- b) **Prata:** *huá caixa grande de prata; oito colheres, dois garfos, e duas facas com seus cabos de prata, assim como a sam as colheres, e garfos;*
- c) **Têxteis:** *Huá colxa grande de montaria que me custou vinte e quatro mil reis; Huá cama de roupa; Huá dúzia de lançóis, entre novos, de uso, nove toalhas lizas de mãos, e tres mais com renda; hum tapete dúzia e meya de guardanapos e tres toalhas de meza novos hum panno de bofete, huá quartina de porta dois cobertores hum grande, outro de papa huá duzia de panos brancos grossos;*
- d) **Imaginária e pintura:** *Hua imagem de N. Senhor de marfim da India com seu resplendor de prata, e hua liga rouxa tambem franjada de prata fina com seu oratório; meya duzia de payneis grandes ao Devino, quatro mais pequenos, duas laminas;*
- e) **Objectos metálicos não preciosos:** *Hua lampada de latam; dous castissais de estanho; hum fugareiro de cobre, huá fregideira de cobre, huá xiculateira de cobre, huá panella de cobre, hum taixo de cobre, outro taixo de latam, huá bacia de latam;*

- f) *E, ainda, huá talha grande que serve de levar azeite; quatro talhas mais pequenas, o trato todo de huá tenda (...); e huá frasqueira que leva doze frascos com os ditos frascos dentro, dois taboleiros*

Uma tabela dos valores a praticar pelo ensaiador da prata do Porto na marcação de peças de prataria religiosa e civil

Na segunda metade do século XIX, a cidade do Porto consolida-se como o principal centro produtor de ourivesaria do ouro e da prata em Portugal. Estas obras encontram-se muito longe de estar devidamente conhecidas e sistematizadas, pois são fruto de uma centúria malquista por parte dos investigadores das artes decorativas lusas. Começam, contudo, a ser publicadas algumas evidências da posse e fruição de adornos preciosos pelas populações da cidade e seus arredores, sobretudo nos domínios das jóias e adornos de ouro⁴⁷.

Na ourivesaria oitocentista – até à década de 80 de 1800 –, a figura do ensaiador continua a representar um eixo central da actividade dos metais nobres, produzindo-se regulamentações e precisões quanto às suas actividades. É neste enquadramento que devemos situar a tabela de emolumentos a pagar pelos ourives ao ensaiador municipal da prata do Porto, datável, sensivelmente, da década de 60 de 1800⁴⁸.

O interesse geral deste documento, presente no acervo do Arquivo Histórico Municipal do Porto, reside no elenco das peças de prataria religiosa e civil que se realizavam mais comumente à época, ilustrando a produção de um tempo que se poderia considerar inserido no Segundo Romantismo da cidade do Porto. A grande quantidade de ourives dava vazão a um enorme fluxo de objectos executados em ambos os metais preciosos, seja para uso pessoal, doméstico ou relacionado com as práticas religiosas, para uso interno ou exportação para terras brasileiras.

Em relação à importância específica do presente rol, este assenta no conhecimento do elenco de tipologias em execução no Porto à data da sua elaboração, isto para os ambientes civis, mais no caso da prataria profana, mas, também, em alguns casos, para o conhecimento de quanto pagariam as alfaias que poderiam estar presentes em oratórios particulares, como sucede nas casas mais abastadas da cidade e na província.

Sistematizando sem um carácter exaustivo, poderíamos encontrar objectos argênteos enquadráveis nos seguintes grandes grupos:

I - Prataria religiosa

- a) Peças para celebração da Eucaristia

- b) Cálice, patena e colher, vaso para partículas, prato e galhetas, turíbulo e naveta, sacras para o altar, cálice lavrado subvaso, caldeirinha e hissope;
- c) Peças para decoração e iluminação do espaço religioso
- d) Lâmpada, as peças que a compõem e as cadeias que a sustentam; banqueta composta por cruz e castiçais;
- e) Peças processionais, de levar a comunhão e a Extrema-unção
- f) Cruz de acompanhar e ciriais, custódia com todos os seus pertences, cruz de acompanhar, cruz de campainha sem vara, boceta; âmbulas para os santos óleos;
- g) Peças de decoração e atributos de imagem
- h) Coroas de imagens, resplendores, engastes e raios de uma cruz, setas e espadinhas;
- i) Peças de representação e autoridade
- j) Vara para mesário.

II – Prataria civil

- a) Peças de aparato e decoração
- b) Paliteiro, jarras de diferentes tamanhos;
- c) Peças de serviço
- d) Aparelho de chá, bule, cafeteira e outras peças, salvas, tabuleiros, urna com seus pertences – em princípio, um samovar –, terrinas, pratos para a mesa, talher para galhetas, peças de faqueiro, saleiros, mostardeira, fundos para garrafas, cestos para fruta, saladeira, coco para água, prato coberto, bacia e caneca;
- e) Peças de iluminação
- f) Par de castiçais, par de serpentinas, prato e tesoura, par de tulpas para castiçais, bugias;
- g) Peças de higiene e *toilette*
- h) Prato e jarro, perfumador, escarradeira;
- i) Peças de representação e práticas sociais

- j) Caixas para tabaco, ornatos para homem, freios para cavalgaduras, par de esporas, par de fivelas, par de estribos, testeiras, gola ou chapa para tabalarte, ornatos para talins, ornatos para barretinas, tembladeiras;
- k) Peças para a escrita
- l) Escrivaninha.

Pela análise desta distribuição da prataria civil, as vertentes do serviço de alimentos e não só constituíam, tipologicamente, uma das apostas dos ourives, mas, igualmente, existem diversas referências a uma série de ornatos para militares e não só, que entendemos agregar no item peças de representação e práticas sociais.

Tabela 3

Peças de Igreja	Réis
Uma lâmpada, todas as peças que a compõem; cada uma	20
As cadeias que as sustêm, cada peça de per si, que compõem as 3 caderas	5
Turíbulo e naveta	80
Cálice, patena e colher	40
Vaso para partículas	30
Prato e galhetas	60
Cruz de acompanhar, e 2 ciriais	360
Vara para mesário	60
Uma banqueta composta de seus castiçais e uma cruz	600
Caldeirinha e hissope	40
Sacras para o altar	40
Custódia, com todos os seus pertences	80
Campainha de acompanhar	40
Coroas de imagens	40
Resplendores	20
Engastes e raios de uma cruz	100
Bocetas	20
Âmbulas para os Santos Óleos – cada uma peça	30
Candelas	30
Cruz de acompanhar	200
Cruz de campainha sem vara	160
Lanternas com e pertences	200
Cálice lavrado subvaso	40 [v.]

Setas e espadinhas	20
Coroas	80
Peças de ornamento de casa	Réis
Aparelho de chá, bule, cafeteira cada uma	40
As outras peças competentes cada uma	30
Salvas	30
Tabuleiros cada peça	40
Uma urna com seus pertences	100
Um par de castiçais	50
Um par de serpentinas	160
Prato e tesoura	30
Prato e jarro – cada peça	40
Terrinas	60
Pratos para a mesa	20
Talher para galhetas	60
Paliteiro cada um	30
Escrivaninha	60
Copos – cada um	20
Peças de faqueiro – cada peça	5
Saleiros ou mostardeira – cada peça	20
Caixas para tabaco	20
Ditas de conter ornatos	40
Candeeiro	40
Guarnições de barretina e ornatos para homem	10
Gola ou chapa para talabarte	20
Ornatos para talins – cada peça	10
Um par de esporas	20
Um par de fivelas	20 [2]
Bacia e caneca	80
Túlipas para castiçais, o par	20
Cestas para fruta	50
Tambeladeiras	20
Saladeira	40
Escarradeira	30
Perfumador	30
Freio para cavalgadura	80
Bugias tendo mais ornamentos	30

Estribos cada par	40
Coco para água	40
Prato coberto	40
Testeiras	60
Jarras grandes – cada uma	80
Ditas pequenas	40
Fundos para garrafas	30
Ditas que contenham mais ornatos	40

Regulamento dos preços das marcas para o Ensaaiador dos Ourives de Prata – década de 60 de 180049. Fonte: Arquivo Histórico Municipal do Porto, cota: A-PUB/5716(10).

Pratas de uso doméstico em Mariana e Vila Rica, Minas Gerais (Brasil), na centúria de Setecentos

Em busca de peças de joalheria⁵⁰ para um estudo de âmbito regional⁵¹, fomos deparando, na análise dos inventários *post-mortem* em Mariana e na Vila Rica de Ouro Preto, com alguns objectos de prataria de uso doméstico. Partimos de uma amostra nem ambas as localidades de Mariana para a centúria de Setecentos e os primeiros anos de Oitocentos, neste caso apenas para a última, podendo testemunhar a presença de diversas peças de prataria, nunca em abundância, e testemunhando uma pequena variedade tipológica. A proibição do exercício dos ourives da prata ou a ausência do hábito e desejo mais generalizado de possuir objectos argênteos podem constituir justificações para a dificuldade em encontrar peças de prataria de uso doméstico em quantidade significativa. Contrariamente, as jóias e outros adornos preciosos mostram-se bem mais abundantes.

A grande generalidade das peças pertence ao universo dos talheres, designadamente ao trio – faca, colher e garfo –, mas não em assinalável abundância, o que poderia ter a ver com as razões atrás apontadas. Quase todos os excertos dos inventários que possuem prata os indicam, umas vezes em número mais pequeno, outras em grupos de dimensões mais alargadas (vd. quadros em apêndice a este trabalho).

Ocasionalmente, surge uma ou outra salva de prata, como sucede no acervo (1777) de Helena Maria, que foi casada com Diogo Soares da Silva, falecida no Arraial do Sumidouro, termo de Mariana (quadro I.4), ou no de Manuel Fernandes Araújo, que deixou viúva D. Joana Teresa de Azevedo (1751) (quadro II.2). O sargento-mor Diogo José da Silva Saldanha possuía uma salva de pés, conforme foi averiguado entre as suas posses, em 1806 (quadro II.7), valorada em 21\$800 réis. Este último inventário

possuía, também, um copo de prata com corrente, uma especificidade que não encontra paralela, segundo somos levados a observar, na realidade reinol⁵².

O acervo mais volumoso em objectos argênteos é o do Coronel Manuel da Guerra de Sousa Castro Araújo Godinho, morador na Rua Direita de Vila Rica, que morreu no Rio de Janeiro, deixando viúva D. Ana Joaquina Felícia de Oliveira, e cujo inventário *post-mortem* foi aberto em 1814 (quadro II.9). Nele se evidencia como peça principal a bacia e o jarro de prata, conjunto fundamental como expressão de sociabilidade de relevância social no Antigo Regime, se bem que longe do valor do grande faqueiro, devido, sobretudo, ao peso do metal. Não era somente composto pelos talheres essenciais para dúzia e meia de convivas, mas acompanhavam-no outros de servir, designadamente uma colher de sopa e outra de arroz, faca e garfo de trinchar, e, ainda, 18 colheres de chá. A prática do chá, com escumadeira e tenaz (ou pinça) para os cubos do açúcar completavam o serviço, permitindo ao casal e à sua família cumprir com requinte os desafios da cada vez mais complexa e estruturada sociedade colonial, em que cada gesto era marcado pelo olhar do outro. Todos estes talheres se conservavam inseridos numa barretina ou estojo de faqueiro de lixa preta, com o interior forrado a veludo carmesim com espiguilha de ouro, possuindo o recipiente ferragens de metal amarelo, muito bem conservado, sendo avaliado em 150\$000 réis. Para a iluminação, dispunha de quatro castiçais de prata e outros quatro de casquinha, já usados, a que se vinha juntar uma espevitadeira com seu prato. Para o serviço das bebidas *finas*, a cafeteira com asa de ébano, o bule, a leiteira e o açucareiro cumpriam os rituais da recepção dos convidados, complementado pelo uso das mencionadas colheres. Ao todo, o serviço valia mais de 100\$000 réis, constituindo um conjunto com um valor digno de nota. Finalmente, as salvas, que possuía em número de dois, não muito pesadas, e ainda uma escrivaninha, a que foi atribuída a quantia de 39\$500 réis. Outra dimensão relevante a extrair da avaliação prende-se com o feitio, então considerado para valorar algumas peças, sendo fixados 8\$000 réis para a bacia e jarro, e 6\$400 rs. para a escrivaninha.

Outro elemento de que dispomos prende-se com a presença da imaginária doméstica e os respectivos adornos argênteos, quase todos resplendores, e que surgem elencados junto à prata civil. A título exemplificativo, no inventário de Francisca Rider, mulher do capitão João Nogueira Ferreira (1739), possui uma imagem de Santo António com o Menino, que não só detém os resplendores das duas figuras, como, igualmente, a cruz que o santo segura com a outra mão⁵³.

Conclusões

No universo das Artes Decorativas, existe um conjunto de reptos de conhecimento a que importa dar resposta, seja específica e individualmente em Portugal ou no Brasil, seja complementando análises de relação, o que, para diversos casos, constituirá um grande desafio de investigação, mas com resultados garantidos. À ligação intrínseca entre ambos os lados do Atlântico, até 1822, junta-se, mais tarde a forte emigração oitocentista e novecentista, que fez perdurar os laços históricos e artísticos entre os dois países.

Seja em termos de artes integradas ou móveis, ou até das de ornamento humano, há que estimular a cooperação na pesquisa entre os percursos, umas vezes cruzados, outras mais específicas, aquém e além Atlântico, promovendo um maior número de projectos conjuntos, que impulsionem uma pesquisa sistemática e coerente, mas estruturada, de forma a produzir resultados palpáveis.

As evidências de todo este relacionamento multissecular encontram-se de Norte a Sul do Brasil, estabelecendo pontes com as diversas artes desenvolvidas em Portugal Continental e nas Ilhas, bem como, também, com uma dimensão relacionada com o Oriente, facto que, por exemplo, a leitura dos inventários orfanológicos nos diversos pontos destes territórios deixa bem claro.

Este texto tem, portanto, vários objectivos, que balançam entre reflectir sobre a necessidade de uma mudança estrutural na perspectiva de sistematizar a investigação, estimulando uma pesquisa de relação entre Portugal e o Brasil, e uma busca geograficamente definida em cada um dos países. Pretende-se, além do mais, alertar para a abundância de fontes de distintos tipos, tanto materiais como documentais, o que facilita o processo e deveria constituir factor catalisador e estímulo para a pesquisa.

PARTE I

Quadro I.1

Pratas no inventário *post mortem* de Helena Rodrigues, sendo testamenteiro o Sargento-mor Manuel Ferraz – 1731

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata lavrada	–	–
Uma faca de mesa com cabo [f. 10] de prata	–	–
Duas colheres de prata usadas	–	–

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, códice 120, auto 2506, f. 9v.-10.

Quadro I.2

Pratas no inventário *post mortem* de Catarina da Silva, sendo testamenteiro o Sargento-mor Nicolau da Silva Bragança – 1732

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Um raio de prata que serve para (?)	109 oitavas de prata	13\$080
Doze colheres e doze garfos tudo de prata	4 marcos	30\$720
Duas bocetas de prata	24 oitavas de prata	2\$880 (...) [f. 15]
Um faqueiro, agulheiro, com sua corrente, e gancho, com um canivete, e garfo tudo de prata	45 oitavas de prata	5\$520

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, códice 51, auto 1154, f. 14v.-15.

Quadro I.3

Pratas no inventário *post mortem* de Francisca Rider, mulher do capitão João Nogueira Ferreira – 1739

Descrição	Peso	Valor (pelo ouro)
Ouro lavrado, e prata (...)		
Sete colheres de prata, cinco vazadas, e duas de chapa, e uma destas quebrada, e seis garfos da dita vazados	128 oitavas	10 oitavas e ¼ de ouro
Uma boceta de prata lisa	14 oitavas [f. 4v.]	1 oitava e 4 vinténs de ouro

Dois resplendores de prata de uma imagem de Santo António e uma cruz da mesma	7 oitavas e ½	½ oitava e 4 vinténs de ouro
---	---------------	------------------------------

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, código 87, auto 1846, f. 4-4v.

Quadro I.4

Pratas no inventário *post mortem* de Helena Maria, casada que foi com Diogo Soares da Silva, falecida no Arraial do Sumidouro, termo de Mariana – 1777

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Dez colheres e oito facas de prata	165 oitavas e ½	16\$550
Três facas velhas com cabos de prata	60 oitavas	6\$000
Um salva de prata	320 oitavas	32\$000
Um copo de prata	136 oitavas	13\$600

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, código 120, auto 2498, f. 8.

Quadro I.5

Pratas no inventário *post mortem* de Capitão José do Vale Vieira, sendo testamenteiro o Padre Antônio Silvério de Melo Brandão – 1789

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Prata velha (a 100 réis a oitava)	243 oitavas (vinte oitavas e ¼ de ouro)	24\$300

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, código 59, auto 1291, f. 16.

Quadro I.6

Pratas no inventário *post mortem* do Capitão Joaquim de Silva Costa, viúvo de D. Escolástica Jacinta Ferreira de Castilho (Mariana) – 1790

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Seis colheres, seis garfos e cinco facas com cabos de prata	204 oitavas (cada oitava a 116 réis)	22\$850

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, código 84, auto 1791, f. [6v.].

Quadro I.7

Pratas no inventário *post mortem* de Maria Vitória de São José, viúva de Gabriel Barbosa Coura – 1792

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Cinco colheres e quatro garfos de prata de chapa e dois cabos de faca	106 oitavas (cada oitava a 100 réis)	10\$600

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, códice 78, auto 1661, f. 3.

Quadro I.8

Pratas no inventário *post mortem* de Bernarda Lopes da Cruz, casada, primeira vez, com Bernardo José de Meireles e, a segunda, com Manuel Pacheco Ferreira – 1796

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Dois pares de colheres de prata com seus garfos	58 oitavas	5\$800 [f. 3]
Uma colher e garfo de prata	24 oitavas	2\$400

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, códice 69, auto 1474, f. 2v.-3.

Quadro I.9

Pratas no inventário *post mortem* de Ana Teixeira Guimarães, preta mina, sendo testamentário o Tenente Pedro da Costa Magalhães – 1797

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Seis colheres e seis garfos de prata, e uma faca com cabo de prata	195 oitavas	19\$500

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º Ofício, códice 12, auto 410, f. [4].

PARTE II (Vila Rica)

Quadro II.1

Pratas no inventário *post mortem* de D. Maria da Assunção, que deixou viúvo Francisco Borges Rego, do Curralinho – 1743

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
13 colheres e 14 garfos	248 oitavas de prata (a 110 rs. cada oitava)	27\$280

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 2.º Ofício, Códice 48, Auto 532, f. [4v.].

Quadro II.2

Pratas no inventário *post mortem* de Manuel Fernandes de Araújo, deixando viúva D. Joana Teresa de Azevedo – 1751

Descrição	Peso	Valor (rs.)
------------------	-------------	--------------------

Prata (...)		
Uma salva de prata lavrada	5 marcos	Cada oitava a 100 rs. (...)
Uma dúzia de colheres de prata lisas	154 oitavas [f. 5v.]	Cada oitava a 100 rs. de dinheiro
Uma dúzia de garfos de prata	108 oitavas	Cada oitava a 100 rs. de dinheiro
Um garfo grande de prata de trinchar	38 oitavas	Cada oitava a 100 rs. de dinheiro
Treze cabos de facas de prata em que entra um grande de trinchar e dois mais pequenos	200 oitavas de prata	Cada oitava a 100 rs. de dinheiro

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 1.º Ofício, Códice 04, Auto 43, f. 5-5v.

Quadro II.3

Pratas no inventário *post mortem* de Custódia da Costa Braga – ca. 1761

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Duas colheres e dois garfos de prata	40 oitavas (a 100 rs. cada oitava)	4\$000

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 2.º Ofício, Códice 08, Auto 84, f. 4.

Quadro II.4

Pratas no inventário *post mortem* de D. Felipa Maria de Matos, segunda mulher do Doutor João de Pita Loureiro, advogado, morador em Vila Rica – 1774

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata (...)		
Sete colheres e sete garfos de prata irmãos	160 oitavas	16\$000

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 1.º Ofício, Códice 57, Auto 685, f. 3v.

Quadro II.5

Pratas no inventário *post mortem* de D. Ana Petronilha da Cunha e Matos, que fora casada com o Doutor José Inácio de Castro e moradora em Vila Rica, ficando seu testamenteiro o Sargento-Mor Teotónio Maurício de Miranda Ribeiro – 1790

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Uma colher de prata	12 oitavas e ½	1\$250

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 2.º Ofício, Códice 01, Auto 03, f. 7.

Quadro II.6

Pratas no inventário *post mortem* de Maria da Silva, que deixou viúvo o Capitão Manuel Carvalho da Cunha, morador na Fazenda do Pé da Serra, Aplicação da Boa Morte – 1793

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Cinco colheres e cinco garfos de prata	115 oitavas (100 rs. cada oitava)	11\$500

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 2.º Ofício, Códice 43, Auto 478, f. 2v.

Quadro II.7

Pratas no inventário *post mortem* do Sargento-mor Diogo José da Silva Saldanha, morador na Rua de São José, Vila Rica, de quem foi testamenteiro o Capitão Marcos José Rebelo – 1806

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Um paliteiro de prata	13 oitavas (a 100 réis cada oitava)	1\$300 [f. 4] (...)
Um copo de prata com sua corrente	134 oitavas (a 100 réis cada oitava)	13\$400
Uma salva de prata com seu pé	218 oitavas (a 100 réis cada oitava)	21\$800
Seis talheres de prata <i>com seus aljofares da mesma prata, e círculos de meias-canas</i>	282 oitavas (sem os ferros) (a 110 réis cada oitava)	31\$020

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 1.º Ofício, Códice 37, Auto 453, f. 3v.-4.

Quadro II.8

Pratas no inventário *post mortem* de José de Sousa Coelho, morador na Rua do Padre Faria, Vila Rica, natural da freguesia de S. Martinho de Parada de Todeia, concelho de Penafiel, solteiro, deixando por testamenteiro e herdeiro seu vizinho Manuel de Lemos Evangelho – 1814

Descrição dos bens penhorados em posse de José de Sousa Coelho	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Duas colheres e dois garfos de prata velha	50 oitavas e ½ (a 80 réis cada oitava)	4\$040

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 1.º Ofício, Códice 87, Auto 1059, f. 8v.

Quadro II.9

Pratas no inventário *post mortem* do Coronel Manuel da Guerra de Sousa Castro Araújo Godinho, morador na Rua Direita de Vila Rica, que morreu na cidade e Corte do Rio de Janeiro, deixando viúva D. Ana Joaquina Felícia de Oliveira e dois filhos. Foi testamenteiro o Doutor Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos – 1814

Descrição	Peso	Valor (rs.)
Prata		
Uma bacia e jarro de prata	4 libras e ½ e 7 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 8\$000 rs. de feitio	66\$300
Quatro castiçais de prata	447 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 12\$000 rs. de feitio	56\$700
Cafeteira de prata com seu cabo de ébano	2 libras e ½ e 25 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 4\$800 rs. de feitio	37\$700
Um bule de prata	2 libras e 56 oitavas e ½ (a 100 rs. a oitava), abatido o cabo e com meio feitio [f. 4v.];	33\$650
Uma leiteira de prata	1 libra e 30 oitavas e ½ (a 100 rs. a oitava), com 2\$400 rs. de feitio	18\$250
Um açucareiro de prata	119 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 2\$000 rs. de feitio	13\$900
Duas salvas de prata	1 libra e 14 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 2\$400 rs. de feitio	16\$600
Uma escrivaninha de prata	2 libras e 75 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 6\$400 rs. de feitio	39\$500
Uma tesoura e prato de <i>vellas</i> de prata	102 oitavas (a 100 rs. a oitava), com 1\$600 rs. de feitio	11\$800
Um faqueiro com uma dúzia e meia de talheres de prata duas colheres uma de sopa e outra para arroz, 18 colherinhas para chá, uma escumadeira e uma tenaz, faca e garfo de trinchar com sua caixa de lixa forrada de veludo carmesim com sua <i>espeguilha</i> de ouro e sua ferragem de metal amarelo, tudo em muito bom uso	–	150\$000
Quatro castiçais de casquinha com muito uso	–	2\$400

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)/Casa do Pilar, *Inventários*, 2.º Ofício, Códice 47, Auto 520, f. 4-4v.



NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Vd. CANTI, Tilde – *O móvel no Brasil: Origens, evolução e características*. Rio de Janeiro: Cândido Guinle de Paula Machado, 1985.

² Vd. FRANCESCHI, Humberto – *O ofício da prata no Brasil: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1988.

³ Vd., para a realidade de São Luís do Maranhão, nos séculos XVIII e XIX, MOTA, Antónia da Silva – Aspectos da cultura material nos inventários *post-mortem* da capitania do Maranhão, nos séculos XVIII e XIX. In *Actas do Congresso Internacional Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades*. Disponível in http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/antonia_silva_mota.pdf (2016/01/10).

⁴ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, pp. 11-42.

⁵ Vd. SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e – Traje na documentação da aristocracia portuguesa de Setecentos (II). *Revista de Artes Decorativas*. Porto: UCE-Porto; CITAR. 4 (2010), pp. 247-280.

⁶ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria em Portugal: 1750-1825*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1999, pp. 126 e 129.

⁷ Vd., para a nobreza em geral, SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A ourivesaria da prata em Portugal e os mestres portuenses: História e sociabilidade: 1750-1810*. Porto: Ed. do Autor, 2004, pp. 123-153.

⁸ Estes pressupostos negociais incluíam a entrega de metal, o que fazia abater a conta, pois dos originais 229\$600 réis, ficaram apenas para pagar 138\$170 réis. Vd. A.N.T.T., *Arquivo da Casa Abrantes*, L.º 3-L., n.º 99, Santos, doc. solto.

⁹ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Ouro, prata e outras riquezas numa herança da Baía (Brasil). *Revista do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. 3 (2004), pp. 293-316.

¹⁰ Deveria ser de fraca qualidade. Vd. Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 289.

¹¹ Vd. Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 289.

¹² Sobre as cozinhas em Lisboa, vd. FRANCO, Carlos – A “Casa da Cozinha” em Lisboa, no século XVIII: móveis, recipientes e utensílios. *Revista de Artes Decorativas*. Porto:UCE-Porto; CITAR. 3 (2009), pp. 103-122.

¹³ Vd. Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 289. Em Janeiro de 1792.

¹⁴ Vd. o seu testamento in Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP), *Administração do Bairro de Cedofeita*, cota: TG-b/625, f. 17-23v.

¹⁵ Os seus móveis de assento foram publicados por AZEVEDO, Joana Coelho da Silva Feyo de – *Mobiliário de assento romântico em Portugal*. Porto: UCP, 2007. Dissertação de Mestrado em Artes Decorativas apresentada à Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa; publicou AZEVEDO; Joana Feyo de – *Mobiliário no Porto nos séculos XIX e XX, nos inventários orfanológicos*. *Revista de Artes Decorativas*. Porto: CITAR. 1 (2007), pp. 282-285.

¹⁶ Sobre José Rodrigues Teixeira, vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Arte e sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: CITAR, 2009, p. 265, fig. 236.

¹⁷ Vd. ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, dir. – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. 2.ª ed. Lisboa: Representações Zairol, 1984, vol. 2, pp. 473-474.

¹⁸ Vd. BOBONE, Carlos – *História da família Ferreira Pinto Basto*. Lisboa: Livraria Bizantina, 1997, vol. 2, p. 377.

¹⁹ Vd. o estudo sobre a prataria do barão de Ancede, inventariadas por sua morte, in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Arte e sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: CITAR, 2009, pp. 271-273.

²⁰ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Arte e sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: CITAR, 2009, pp. 248-249; 255-260.

²¹ Vd., para o uso dos menus à mesa, em Portugal, nesse período, BRAGA, Isabel Drumond – *Os menus em Portugal: para uma história das artes de servir à mesa*. Lisboa: Chaves Ferreira, 2006.

²² Vd., para o uso dos menus à mesa, no Brasil, as obras GARCIA, Lúcia – *Para uma história da belle époque: a coleção de cardápios de Olavo Bilac*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011; LELLIS, Francisco; BOCCATO, André – *Os banquetes do imperador: menus colecionados por Dom Pedro II: receitas e historiografia da gastronomia no Brasil do século XIX*. São Paulo: SENAC, 2013.

²³ Baseado, com adaptações, no agrupamento seguido na obra OREY, Leonor – *Ourivesaria*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1998.

²⁴ Sobre os talheres nos séculos XVIII e XIX, vd. SANTOS, Manuela Alcântara – *Talheres de prata de Guimarães: séculos XVIII e XIX*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012.

²⁵ Conforme deixámos escrito em SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Os paliteiros de prata do Club Portuense*. Porto: Club Portuense, 1999.

- ²⁶ Encontramo-nos a preparar um livro que versa sobre a presença de objectos nos testamentos dos titulares do Antigo Regime, numa análise alargada a diversas peças e ao seu significado simbólico, tipológico, material e económico para os seus possuidores.
- ²⁷ Vd. A.H.M.P., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 62, f. 213.
- ²⁸ Vd. A.H.M.P., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 62 (cota: APUB 2316), f. 89v.-92v.
- ²⁹ Vd. Arquivo Distrital de Vila Real, inventário orfanológico da viscondessa de Canelas, ano de 1838, f. 5-5v., 9.
- ³⁰ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, pp. 11-42.
- ³¹ Complementando informações apresentadas recentemente, pois não são aí exploradas, em FRANCO, Carlos – *Casas das elites de Lisboa: objectos, interiores e vivências*. Lisboa: Scribe. 2015.
- ³² Não referenciamos as jóias, pois já foram objecto de suficiente desenvolvimento in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, pp. 11-42.
- ³³ Vd. MADUREIRA, Nuno Luís – *Cidade: espaço e quotidiano: Lisboa 1740-1830*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992; IDEM, *Lisboa: luxo e distinção: 1750-1830*. Lisboa: Editorial Fragmentos, D. L. 1990; FRANCO, Carlos – *O mobiliário das elites de Lisboa na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- ³⁴ Vd. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Registo Geral de Testamentos*, L.º 245, f. 89v.
- ³⁵ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 245, f. 89v.
- ³⁶ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 315, f. 1v.
- ³⁷ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 245, f. 116v.
- ³⁸ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 315, f. 58, referenciado, apenas quanto às colchas e às cortinas, in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, p. 34.
- ³⁹ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 315, f. 47v.-48v.; a referência ao caixão e aos baús da Índia foi efectuada em SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, p. 32.
- ⁴⁰ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 245, f. 83v.
- ⁴¹ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 319, f. 167.
- ⁴² Deixamos aqui de parte os têxteis brancos de cama, de higiene e de mesa, por, apesar de serem domésticos, não serem directamente relacionados com o propósito deste trabalho.
- ⁴³ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 290, f. 110v.
- ⁴⁴ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 290, f. 111.
- ⁴⁵ Vd. A.N.T.T., *Registo Geral de Testamentos*, L.º 245, f. 116v.-117.
- ⁴⁶ Referenciadas in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, p. 28. Os elementos não vêm referidos no texto do testamento, necessariamente, pela sequência apresentada neste estudo.
- ⁴⁷ Vd. SOUSA; Gonçalo de Vasconcelos e – *Tesouros privados: a joalheria na região do Porto (1865-1879)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012. 2 vols.
- ⁴⁸ Esta datação carece, contudo, de investigação mais apurada, encontrando-se, no entanto, junto a outra cuja datação será aproximada da que referimos.
- ⁴⁹ Foi escrito a tinta vermelha que, no regulamento impresso, foram alterados os emolumentos.
- ⁵⁰ Tais informações serviram de base para o artigo “Jóias e outros adornos preciosos em Vila Rica de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil), no século XVIII”, a publicar na obra anual *Estudios de Platería* de 2016, da Universidade de Múrcia, coordenados por Jesús Rivas Carmona.
- ⁵¹ Estudo inserido no “*Projecto Aliança: Design e Inovação de produtos de joalheria em Comunidades Criativas mineiras a partir de aspectos tradicionais de sua origem portuguesa*” (2015-2017), da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, e financiado pelo Programa Ciência sem Fronteiras e CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior. A integração da nossa investigação visa a análise do uso das peças de joalheria nas Minas Gerias no século XVIII.
- ⁵² Vd. exemplares desta tipologia in FRANCESCHI, Humberto – *O ofício da prata no Brasil: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1988, pp. 193.
- ⁵³ Vd. Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 87, auto 1846, f. 4v.



NOTA BIOGRÁFICA DE GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA
Professor Catedrático da Escola das Artes da Universidade
Católica Portuguesa; director do CIONP – Centro Interpretativo
da Ourivesaria do Norte de Portugal (CITAR-EA/UCP).